

Um Jovem Vence o Vício

FLOYD MILLER

DE PÉ NO CUME da montanha, ao entardecer, estava um homem alto de aspecto rude, os pés bem plantados no chão, os punhos cerrados. Tinha crescido naquelas montanhas e seus arredores, caçado em suas matas e pescado em seus riachos. Agora achava ameaçador o ambiente familiar; sentia os nervos à flor da pele. Uma tâmara virou um raminho sêco, e o ruído pareceu-lhe um trovão. A brisa suave cravava agulhas nos seus braços nus. O bater de seu coração acelerou-se com um temor indizível.

O homem estava mergulhado numa psicose de anfetaminas.

Tinha começado a tomar anfetaminas cinco anos antes, quando sua carreira parecia exigir mais energia do que êle era capaz de produzir. Naquele tempo não tinha apreensões; eram simples pílulas estimulantes, e êle pretendia usá-las apenas de vez em quando. Mas logo começou a tomá-las todos os dias. Depois viu que devia contrabalançar seus efeitos com barbituratos (pílulas soporíferas) para conseguir umas poucas horas de sono agitado por noite.



Gradativamente foi aumentando a dosagem, e nessa altura estava consumindo quantidades espantosas — perto de 100 pílulas por dia.

Aquela excursão ao pico da montanha fôra feita na esperança de que a região selvagem de Ozark pudesse de algum modo curá-lo. Êle era mestiço de índio Cherokee. Talvez encontrasse dentro de si ecos do passado, alguma sabedoria dos seus ancestrais. Mas se estava presente essa sabedoria, ela não era bastante forte para opor resistência eficaz aos entorpecentes que o enchiam de ilusões.

Quando escureceu, êle engoliu metódicamente mais duas pílulas, entrou no jipe e esperou. Quando a anfetamina lhe invadiu a mente, já saturada de entorpecentes, uma nova fôrça pareceu liberar-se dentro dêle; deixou de ser um homem comum e tornou-se igual a um deus. Nada mais poderia fazer-lhe mal.

Engrenou o carro e partiu, descendo pelo estreito caminho escavado na encosta da montanha.

De repente mudou para ponto-morto e pôs-se de pé, dirigindo apenas com as pontas dos dedos. O carro foi ganhando velocidade; a cada curva fechada os faróis brilhavam no negro abismo à frente. Cada vez que êle virava o volante os pneus gemiam e a estrada tornava a aparecer. Êle desafiava a morte. Por duas vêzes a roda dianteira rodou no vazio, mas a esquerda resistiu o suficiente para trazer o carro de volta à estrada. Nem uma só vez êle tentou frear . . . e nem iria fazê-lo. Empe-

nhara-se naquela prova para demonstrar que era invulnerável, que estava fora do alcance da morte.

Finalmente o carro parou na planície ao fundo da montanha. Encharcado de suor, tremendo, fechou os olhos e apoiou a fronte sôbre o volante. Não tinha provado nada. A paranóia penetrou-lhe no cérebro febril e coisas ditas por amigos e colegas de trabalho de súbito assumiram significado sombrio. Estavam conspirando contra êle, decididos a arruinar-lhe a carreira. Sentiu-se mal do estômago. Engoliu mais duas pílulas.

Quando se aproximava da cidade, viu cartazes ostentando o seu nome em grandes letras: JOHNNY CASH. Era na primavera de 1967 e êle estava rapidamente adquirindo popularidade nacional como cantor do Oeste. Tinha um contrato a cumprir no auditório local aquela noite; já estava meia hora atrasado. Tôdas as entradas tinham sido vendidas. Sentiu um prazer feroz ao pensar como seus parceiros ficariam apavorados se êle não aparecesse!

Durante uma hora rodou ao acaso pelas ruas afastadas do centro da cidade, atento, para evitar algum carro da polícia. Com certeza já teriam comunicado às autoridades o seu desaparecimento. Ah! Ia haver o diabo! Finalmente o seu prazer de arranjar dificuldades para si mesmo dissipou-se. Tocou para o motel onde morava, engoliu pílulas soporíferas e deitou-se.

Algum tempo depois acordou e

olhou atordoado os vários rostos preocupados que o cercavam. Falavam todos ao mesmo tempo.

—O que houve com você, Johnny?

—A multidão quase empastelou a casa. Eram 4.000 pessoas.

—Vão processar-nos.

—Tivemos de devolver todo o dinheiro.

Êle lançou-lhes um olhar gélido e demorado.

—Senti-me mal . . .—disse por fim, e voltou o rosto para a parede.

Uma Pungência Feroz. Nascido em 1932, Johnny Cash pertencia a uma família que não sabia que era pobre. Seus 15 hectares de algodão em Dyess, Arkansas, exigiam o trabalho de sol a sol do pai, mãe, quatro filhos e três filhas. Contudo, não havia nenhum sentimento de provação; pelo contrário, havia a fôrça e a sensação de bem-estar que emanam do trabalho árduo (ainda menino, Johnny já conseguia colher 150 quilos de algodão por dia), prazeres simples e religião profunda.

Depois da escola secundária Johnny foi trabalhar numa fábrica de automóveis, mas não conseguiu suportar a rotina e o confinamento. Alis-tou-se na Fôrça Aérea e passou três anos na Europa. Dispensado em 1954, voltou a Arkansas, onde tentou fixar-se numa fazenda. Mas não era o mesmo homem que saíra de casa—tinha descoberto a música.

No quartel na Alemanha êle tinha aprendido acordes básicos suficientes no violão para acompanhar-se quando cantava com sua

voz rude as canções que ouvira nas vitrolas automáticas do Arkansas—sôbre salvação, estradas de ferro, vaqueiros, solidão, uísque, lar, mãe e amôres não correspondidos. Eram velhas cantigas, mas aquêle homem lhes acrescentava algo de nôvo—uma pungência ardente que emanava de sua personalidade sombria.

E assim foi que Johnny Cash começou a cantar para ganhar a vida. Sua voz era cheia de convicção e sua popularidade logo se espalhou. Mas com a atenção do público vieram novas pressões para as quais êle não estava preparado. Tinha de lidar com as pessoas, quer gostasse delas quer não; independentemente de seu estado de espírito, tinha de cantar todos os dias, semanas a fio; vivia ocupado com ensaios, espetáculos, compromissos para gravações, programas de viagem—tudo rigorosamente inalterável. Tinha menos liberdade ainda do que quando trabalhara na fábrica de automóveis. Dentro de pouco tempo o anseio de solidão tornou-se tão grande que apenas conseguia suportar tudo aquilo tomando pílulas, umas poucas no início, depois cada vez mais. Frequentemente, sob o efeito do entorpecente, agia de maneira irracional. As pessoas começaram a evitá-lo; sua carreira promissora começou a desintegrar-se.

Mêdo da Gaiola. Havia nêle uma profunda brandura, mas quando um homem de aspecto triste age de modo excêntrico parece ameaçador. Numa noite de verão, em 1967, êle

estava correndo velozmente ao redor da Montanha Lookout, na Geórgia, quando seu jipe virou, jogando-o longe. Quando recuperou os sentidos, começou a andar ao acaso, totalmente desorientado. Caía, levantava-se. Os arbustos rasgavam-lhe a roupa e lanhavam-lhe o rosto e os braços. Finalmente viu a janela iluminada de uma casa de campo e dirigiu-se para lá.

Uma mulher abriu a porta. Quando viu aquêle homem todo ensanguentado, sem fala, ali agachado, gritou, bateu a porta e correu ao telefone. Instantes depois chegava um carro da polícia e dêle saiu um homem robusto, com um revólver e cinturão cheio de balas. A mulher falava histèricamente de um tarado emboscado ali perto. Naquele momento um vulto cambaleante apareceu na luz dos faróis. A mulher apontou-o. O xerife mandou o homem virar-se, abrir as pernas e encostar as mãos no carro. Depois de revistá-lo e verificar que êle não trazia nenhuma arma, o xerife passou a interrogá-lo.

—Que lhe aconteceu?—indagou.

—Meu jipe virou.

—Onde?

—Não sei—respondeu Johnny.

O xerife fê-lo entrar no carro e em silêncio os dois fizeram a viagem para a cidade. Johnny tinha a bôca sêca; as mãos tremiam-lhe incontrollavelmente; o suor corria-lhe pelas costas e pelo peito. A idéia da prisão levava-o à beira do terror. Já estivera prêso antes por três dias,

em El Paso, por tentar contrabandear anfetaminas através da fronteira mexicana, e no fim já estava a ponto de subir pelas paredes.

No escritório do xerife sentou-se numa cadeira dura em frente do seu captor.

—Eu sei quem você é—disse o xerife.—É um homem bom demais para estar-se destruindo dessa maneira. Você tem influência sôbre os jovens por aqui. É coisa bem rara os garotos darem ouvidos a um adulto. Que vai dizer a êles? Que a vida não tem sentido e tem tão pouco valor que é melhor jogá-la fora?

Humilhado e ressentido, Cash fitou seus punhos cerrados. Precisava desesperadamente de algumas pílulas, mas não ousava recorrer à reserva de emergência que trazia escondida no corpo.

—Eu podia prendê-lo—continuou o xerife.—Mas não vou fazer isso. Vou arriscar com você, por causa dos jovens. Aposto que você não irá desapontá-los.

Momentos depois Johnny estava na rua. Com um longo e trêmulo suspiro de alívio apanhou as pílulas. Que fôsem para o diabo os jovens e o xerife. Engoliu as pílulas para banir todos êles do pensamento.

Mas êles se recusaram a ser banidos. Naquela noite, a despeito das pílulas para dormir e das pílulas estimulantes, êles o assombraram.

“**Eu Vencerei**”. Uma noite, várias semanas mais tarde, Johnny telefonou a um médico amigo seu.

—Preciso de ajuda—disse.

O médico tinha recebido vários dêsses chamados de Cash através dos anos. Tôdas as vêzes providenciara para interná-lo e tôdas as vêzes o pavor do confinamento levava Johnny a desaparecer.

Na casa de Johnny o médico encontrou seu amigo prostrado.

—Perdi o contrôle da minha vida . . .—repetia Cash sem parar numa voz trêmula.

—No momento, sim.

—Há cinco anos!—replicou Cash exaltado.—Há cinco anos venho fazendo coisas loucas, como se eu fôsse outra pessoa. Não posso dormir, não posso trabalhar, não posso enfrentar os jovens que vêm ouvir-me cantar e me pedem autógrafos. Nem ao menos posso parar de tomar as pílulas que me estão deixando louco. Sabe o que significa desprezar-se a si próprio?

—E o que vai fazer a respeito disso?—perguntou o médico.

—Vou abandonar as pílulas—disse Cash, fechando os olhos.—A partir de agora.

O sentido de suas palavras era claro. Nada de confinamento em hospital. Êle faria isso com suas próprias fôrças ou nunca mais o faria.

—E como vai ser?—perguntou ainda, numa voz distante.

—Vai ser o inferno—respondeu o médico.

Um vago sorriso apareceu no rosto de Johnny:

—Eu conheço bem o lugar.

O médico chamou os parentes de Cash e uns poucos amigos íntimos.

Johnny não devia ser deixado só nem um momento. Mas, apesar de preparados, êsses enfermeiros voluntários não estavam preparados para a agonia de Johnny. Êle andava de um lado para o outro no quarto, atormentado. Não conseguia dormir nem reter o que comia. O suor ensopava-lhe as roupas. Tinha a bôca tão sêca que só bebericando água constantemente podia evitar que os lábios se lhe colassem nos dentes. Tremia, não só de calafrios e de febre, mas porque seus nervos, tecidos e músculos, repentinamente libertados do domínio dos entorpecentes, estavam completamente descontrolados.

—Johnny—disse-lhe o médico após uma semana—você deve ir para o hospital.

Cash meneou a cabeça lentamente. Tinha os olhos vidrados de tanto sofrer, mas murmurou através dos lábios rachados:

—Eu vencerei . . .

E venceu. Atravessou o inferno e saiu do outro lado.

Isso foi em 1967. Desde então a carreira de Johnny Cash subiu às alturas. Êle vende mais discos e atrai maiores multidões em suas apresentações pessoais do que qualquer outro artista do gênero. Sua renda é bem superior a um milhão de dólares por ano. Livre dos entorpecentes, êle sabe agora quem é e o que pensa sobre a vida.

Johnny Cash é senhor de si mesmo. Passou pelo fogo e saiu dêle amalgamado e sólido.